



## POSIÇÕES SEXUAIS SUBJETIVAS – O MASCULINO E O FEMININO NO ATO SEXUAL

Eveliny Barbosa Coelho da Silveira; Philippi Rios da Silva

Universidade Federal do Vale do São Francisco – [evelinysilveira@gmail.com](mailto:evelinysilveira@gmail.com)

Universidade Federal do Vale do São Francisco – [philippirios@gmail.com](mailto:philippirios@gmail.com)

**RESUMO:** Esse artigo de revisão bibliográfica objetiva analisar como se dão as posições sexuais subjetivas – masculino/fálico e feminino/faltoso – em relações entre pessoas do mesmo sexo, analisando dessa forma, como se dará a dinâmica psíquica frente as questões de sexualidade e gênero nessas relações. De tal modo, foi feito um levantamento bibliográfico garantindo a atualidade do tema proposto. Com isso, pôde-se compreender que segundo a ótica da psicanálise de orientação lacaniana a homossexualidade não existe, trabalhando com as posições sexuais subjetivas na dinâmica dessas relações.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Gênero; Sexuação; Homossexualidade; Identificação.

### INTRODUÇÃO

Levando em conta o contexto da época em que Freud pensou a Psicanálise – início do século XX – perder o pênis – *falo* – era o que de fato seria mais traumático. A lógica *falocêntrica*, então, se fez como tal graças a uma política de império patriarcal e machista, onde a posse do pênis por si só se fazia insígnia de representação do poderio social (BROUSSE, 2015).

A ambientação histórica marca, portanto, que a diferença, entre o poder e o não, se situava no campo do biológico. Assim, Freud trouxe os traumas do homem como originados na infância, de cunho sexual, pondo em questão a vivência de um complexo qual ninguém escapa – o complexo de Édipo (NASIO, 2007). Em sua formulação, a

criança, no seu desenvolvimento, embora de natureza sexual, teria uma relação de desejo em seu pai do sexo oposto, relação esta sempre mediada pela noção de perda, de deixar de *ter*.

Anos mais tarde Lacan vai além do que foi posto por Freud, retira o conceito de inconsciente como sexual, e intercede na teoria psicanalítica o inconsciente enquanto linguagem: “Como o ser humano traz a marca da linguagem, não há acesso ao corpo que não passe pela marca significante e o falo, como significante privilegiado, ocupa um lugar central” (ALMEIDA, 2010, p. 05).

[...] aquí no se trata de ningún lenguaje especial, tal como el lenguaje matemático, semiótico o cinematográfico. Hay solo un tipo de lenguaje: el inglés o francés, por ejemplo, el lenguaje que la gente



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

habla... El inconsciente piensa con palabras, con pensamientos que escapan a la vigilancia (LACAN, 1974 apud BROUSSE, 2015, p. 02)

O *falo* então, enquanto significante de falta, daquilo que se perdeu, ou se pode perder, sai do biológico, e passa a uma vestimenta – a dos semblantes. Segundo Almeida (2010) é neste cerne que se dá o avanço primordial: o complexo de Édipo que outrora se sedimentava na noção crua do *possuir*, agora passa a apresentar diferentemente a quadriade fundamental – pai, mãe, criança e falo. Mediante a questão “O que quer a mãe?”, a criança responde do lugar de *ser* o falo, de garantir a completude dessa mãe anteriormente castrada (ALMEIDA, 2010).

Partindo disso, a psicanálise na contemporaneidade sinaliza a mãe e o pai, enquanto função. É de grande valia compreender que, atualmente, a função paterna não está diretamente ligada a quem tem o pênis orgânico, mas a quem detém o falo – ou àquele que efetuou a castração na criança, inscrevendo nela a metáfora paterna (ALMEIDA, 2010).

Em função disso, e indo além do que é posto no Édipo enquanto responsável pela escolha sexual e de gênero, a psicanálise atribui a dicotomia do gênero pela via das identificações (BROUSSE, 2015). De tal modo, o inconsciente enquanto linguagem

repercute nesse gênero, distinguindo o binário sexual das línguas faladas. Essa identificação viria então, pela via do discurso – *ser homem* ou *ser mulher*.

Es por eso que el psicoanálisis trata la cuestión del *género* por la vía de las identificaciones. El *género*, en la experiencia de un análisis, está vehiculizado por identificaciones sexuales concernientes a dos registros. (BROUSSE, 2015, p. 02)

Para Freud (1905, apud MARQUES, 2010) a homossexualidade seria explicada pela relação entre uma predisposição bissexual e o recalque por sua vez “vai radicalizar de modo significativo sua concepção no sentido da importância do fator psicológico em detrimento do fator biológico” (MARQUES, 2010, p. 35 apud LIRA & SILVA, 2015, p. 02 ).

Deste modo, a homossexualidade, já não estaria atrelada direta – e erroneamente – à perversão, definindo que o objeto da libido pode ser qualquer um, pois a aderência entre o instinto sexual e seu objeto – na vida sexual – passa sem se perceber pela vida “normal” (TÁBOAS, 2011).

Contudo, a homossexualidade não tem características especiais na clínica psicanalítica, visto que:

(..) a pulsão e sua inerente plasticidade nos revela o interesse sexual exclusivo do homem pela



mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química” (MARQUES, 2010, p. 01)

Desse modo, o objeto que vem a ser o substituto para tamponar a falta não se faz suficiente para completar o sujeito. Assim, Lacan afirma no seminário *ou pior...* que não há relação sexual que se inscreva (CSILLAG, 2013).

Em termos matemáticos, *não haver relação* indica que não é permanente a ideia de completude, justo que cada vez que um objeto venha a ocupar esse vazio, mais se evidencia a impossibilidade de satisfação plena (MARQUES, 2010).

Marques (2010) afirma que independente do sujeito ser homo ou heterossexual “o objeto é o que há de mais variável na pulsão” (p. 04).

Será então, a partir da eterna presentificação desta hiância entre os objetos pulsionais, que o sujeito consegue obter, e a busca por das Ding, que o sujeito será lançado na cadeia significativa onde a falta se fará motor da própria estrutura do desejo enquanto promessa que nunca será cumprida, pois a pulsão, ao apreender o objeto, apreende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. (MARQUES, 2010, p. 04)

Chemama (1995) aponta que a sexuação é a

(...) forma pela qual homens e mulheres, (...) relacionam-se com seu próprio sexo, bem como com as questões da castração e da diferença de sexos (p.195)

Não obstante, as fórmulas da sexuação estão relacionadas com as posições psíquicas do sujeito frente as questões sexuais – passando pela via da identificação, os sujeitos podem ser masculinos ou femininos nas suas relações, independente do seu órgão genital (VIEIRA, 2004). Segundo Santos (2009) essas posições seriam sintomas, na tentativa de suprir a relação sexual que não existe.

Por fim, levantadas as questões a respeito da homossexualidade para a psicanálise e das fórmulas da sexuação, situando o sintoma dentro das relações que não se inscrevem, esse artigo objetiva investigar como se dão essas posições sexuais subjetivas em relações entre pessoas do mesmo sexo, analisando dessa forma, como se dará a dinâmica psíquica frente as questões de sexualidade e gênero nessas relações.

## **METODOLOGIA**

Pode-se afirmar que toda pesquisa se inicia com levantamento bibliográfico acerca do tema, para que se possa conhecer a discussão e os resultados obtidos em trabalhos anteriores. A pesquisa bibliográfica objetiva procurar referências que possam embasar





estudos e assim gerar novos conhecimentos a partir de estudos prévios (FONSECA, 2002).

Galvão (2010) afirma sobre as vantagens do revisão bibliográfica:

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377)

Contudo, a escolha da revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa, se deu pela sua eficácia na produção de conhecimentos novos, a partir da análise e articulação de estudos que servem para embasar o presente artigo. Quanto a temporalidade das referências levantadas, estão sendo utilizadas referências posteriores ao ano 2000 até o ano de 2015 – excetuando o

Dicionário de Psicanálise de Chemama, datado de 1995 – garantindo a atualidade do tema que se propôs investigar.

### **Resultados e discussão**

Suscitar o debate acerca das fórmulas da sexuação bem como das posições que são assumidas no âmbito das relações prescinde de uma discussão anterior e que subsidia o caráter plástico desses modos de subjetivação na contemporaneidade: o enfraquecimento dos Nomes-do-Pai.

Enquanto matriz das proibições de outrora, a lei paterna, que desempenhava a função de barrar o gozo desenfreado tem seu poderio minado diante do império do gozo tão fortemente ordenado no seio social. Como explicita Táboas (2011):

A degradação das diferentes formas de autoridade, o rechaço de toda proibição, a redução do sujeito ao indivíduo, o laço social precário mediado pelos objetos do consumo, etc., formam o marco instável no qual se apaga o binarismo da diferença. (TÁBOAS, 2011, p. 3)

Dessa forma, a noção de que as posições sexuais subjetivas – feminino/faloso e masculino/fálico – são irrevogavelmente correspondentes ao sexo biológico – XX E XY –, representa um sufocamento da realidade psíquica dos sujeitos em detrimento ao que afirma a demarcação no corpo.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É válido ressaltar que essa lógica não serve somente ao hétero ou ao homossexual. Em verdade, se aplica a ambos, já que este ou aquele rótulo não possuem lugar privilegiado dentro da teoria e clínica psicanalítica, como explicita Sáez apud Cunha (2013):

Poderíamos interpretar a visão de Lacan de um modo não heterocentrado: o sujeito se confronta com a diferença sexual (que não é uma essência nem uma realidade transcendental, mas sim lugares vazios masculino-feminino que o sujeito encontra à sua volta) e não pode se localizar de maneira alguma com um saber sobre essa diferença: essa impossibilidade, ainda no inconsciente sem solução possível, indica que *não há saber sobre o sexo* e que não há relação sexual. O que chamamos homossexualidade ou heterossexualidade são posições imaginárias (entre outras muitas) para confrontar-se com esse vazio no real (CUNHA, 2013, p. 8).

Portanto, deve-se compreender que na relação entre pessoas de sexos diferentes, a posição masculina e feminina não deve acontecer em concordância com a genitália. Não necessariamente o *homem peniano* será o homem fálico, bem como a mulher, na posse da vagina, não assegura a sua inscrição no lado do não todo.

Outros regimes de prevalência do *nãotodo* foram abordados por Lacan. [...] Lacan antecipou, assim, soluções subjetivas para a prevalência do *nãotodo*. Neste sentido, estabeleceu conceitos-

ferramenta para lidar com ela. A questão que se coloca ali é a de como situar-se no Outro sem apoiar-se na falta, que no Outro agora falta. Todo o trabalho será o de produzir algo que estabilize um circuito. A partir daí haverá separação possível entre eu e Outro, público e privado, dentro e fora. Isso não se faz na queda de braço, pois antes da separação não há pulso do Outro a que se agarrar. O limite, neste caso, será uma invenção que arranque algo desta massa disforme que é o Outro *nãotodo*. Como se faz isso? Como cortar-se um rio com uma faca? E ainda por cima sem que haja um pai para fornecer o manual de instruções? A resposta de Lacan é, com o *sinthoma*. (VIEIRA, 2004, p. 05)

Cabe então, compreender a noção de *Sinthoma*, que diferente do sintoma freudiano, não se cobra decifração. Lacan traz o *sinthoma* como algo do real, é um traço do sujeito diretamente ligando ao real inconsciente – “Ele é feito de um gozo inominável, que por definição escapa ao Outro” (VIEIRA, 2004).

Entendendo o sujeito como caráter universal, na dedução do ponto cego da estrutura, para que se possa abordar o *sinthoma*, é essencial abordar pela via do objeto – o objeto *a* lacaniano. (VIEIRA, 2004)

Assim, a resposta para a questão como ocorre a formação e arranjo das posições sexuais subjetivas nas relações entre pessoas do mesmo sexo vem de Quinet (2015)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Um homem inscrevendo-se do lado não-todo (dito mulher), [...] pode escolher seu parceiro do lado todo fálico a partir do significante fálico ( $\Phi$ ) encontrado no corpo desse outro ou em posição social, ou qualquer outro atributo fálico. Essa relação [...] pode fazê-lo feminizar-se, como aparece na caricatura do afeminado. Ele também pode, ao se inscrever do lado do todo fálico como sujeito desejante ( $\$$ ), e portanto, viril, escolher seu parceiro reduzindo-o ao objeto *a* localizado no Outro lado (QUINET, 2015, p. 98).

E antes que se acuse a indiferença às lésbicas, por referir-se inicialmente somente à homossexualidade masculina, Quinet (2015) aponta:

Uma mulher pode situar-se no lado do todo fálico e eleger sua companheira como objeto sexual ( $\$ \rightarrow a$ ). A caricatura dessa posição é o sapatão, a mulher virilizada. Essa posição reproduz o par mãe-filha, na medida em que essa falta pode representar o objeto *a* para a mãe. Ela pode também situar-se do lado do não-todo [...] e buscar o falo ( $\Phi$ ) do lado *todo fálico* – são as mulheres que procuram a proteção de outra mulher como se busca um pai ou a mãe fálica – figuras do Outro que tem o falo (QUINET, 2015, p. 99).

Elucidadas essas questões, a diferenciação de gênero – e sua carga de definição de posições e papéis – via anatomia se apresenta como o que realmente é: uma limitação insidiosa e tóxica para as

possibilidades que se apresentam fora do “quadrado” binário.

Diante de tudo, deve-se considerar a necessidade quase que instintual de o sujeito se encontrar com o seu diferente para que haja sexo: um masculino e um feminino – para haver sexo, tem que ter ambos os sexos, pois aqui se fala de posição sexuada (QUINET, 2015).

De tal modo, é importante entender que não existe homossexualidade real, pois não há a possibilidade de haver sexo na igualdade do sexo. Para exemplificar, Quinet (2015) apresenta a equação do sexo, apontando a heteridade – gozo pelo diferente no ato sexual, como única possibilidade de acontecer o sexo

$$\frac{\text{Homo}}{\text{Heteridade}} \rightarrow \frac{\text{Amor pelo semelhante}}{\text{gozo do diferente}} \rightarrow \frac{S1}{R}$$

## CONCLUSÕES

A emergente discussão a respeito da homossexualidade em níveis sociais, suscitada pela luta do movimento LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis – traz com ela a necessidade de compreender os fenômenos contemporâneos desses sujeitos – como goza, como se relaciona, como *ama*. Pensando na lógica





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lacaniana, onde *amar é dar o que não se tem*, toma-se o amor como algo que é reflexo da castração – daquilo que falta e que é constitutivo de sujeitos.

De tal modo, a possibilidade de compreensão das relações homossexuais e lésbicas é importante para dar substância a discussões de outros campos dessas sexualidades.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. G. M. **Falo, objeto a e fantasia:** contribuições de Jacques Lacan na clínica com crianças. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16154/16154\\_1.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16154/16154_1.PDF)> Acesso em 18 Abril de 2016.

BROUSSE, M-H. **O que a psicanálise sabe das mulheres como 'gênero'.** Nueva York, 2015. Disponível em: <<http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2015/03/LQ494.pdf>> Acesso em 18 abril de 2016.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CSILLAG, M. C. **Sobre a não-relação sexual:** na teoria lacaniana na contemporaneidade. *Leitura Flutuante*. Número 5. Volume 2. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/download/17954/13326>> Acesso em: 25 Abril de 2016.

CUNHA, E. L. **Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero:** notas sobre psicanálise e teoria Queer. Rev. Epos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, dez. 2013. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=s>

ci\_arttext&pid=S2178-700X2013000200004&lng=pt&nrm=iso >. acessos em 30 abr. 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia de pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica.** In: Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. (Org.). Fundamentos de epidemiologia. 2ed. A. 398 ed. São Paulo: Manole, 2010, v. , p. -377. Disponível em:<[http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento\\_bibliografico\\_Cristi](http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_Cristi)> Acesso em: 18 Abril 2016.

LIRA, G.P.A; SILVA, P. R. da. **As homossexualidades na psicanálise: do labirinto às posições.** Campina Grande, 2015. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/generoxi/trabalhos/TRABALHO\\_EV046\\_MD1\\_SA4\\_ID1481\\_04052015112334.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/generoxi/trabalhos/TRABALHO_EV046_MD1_SA4_ID1481_04052015112334.pdf)> Acesso em 15 Abril de 2016.

MARQUES, L. R. **As homossexualidades na Psicanálise.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-ii/artigos/3-as-homossexualidades-na-psicanalise.pdf>> Acesso em 15 Abril de 2016.

NASIO, J-D. **Édipo – o complexo do qual nenhuma criança escapa.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

QUINET, A. **Homossexual e heteridade.** Stylus Revista de Psicanálise, n 31, p. 97-101, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n31/n31a10.pdf>> Acesso em 18 Abril 2016.

SANTOS, T. C. **Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos**

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v12n1/01.pdf>> Acesso em: 15 de Abril de 2016.

TÁBOAS, C. G. **Século XXI**: a escolha do sexo no labirinto. *Opção Lacaniana Online nova série*. Ano 2. Número 5. Julho 2011. Disponível em: <

[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_5/S%C3%A9culoXXI\\_a\\_escolha\\_de\\_sexo\\_no\\_labirinto.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_5/S%C3%A9culoXXI_a_escolha_de_sexo_no_labirinto.pdf)> Acesso em: 15 Abril de 2016.

VIEIRA, M. A. **A (hiper)modernidade lacaniana**. *Latusa*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 69-82, 2004. Disponível em: <[http://litura.com.br/artigo\\_repositorio/a\\_hipermodernidade\\_lacanianana\\_pdf\\_1.pdf](http://litura.com.br/artigo_repositorio/a_hipermodernidade_lacanianana_pdf_1.pdf)> Acesso em 20 Abril de 2016.